



RELAÇÕES DE ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA FORMAÇÃO DOS SINAIS EM LIBRAS

RELATIONS OF ARBITRARINESS AND ICONICITY IN THE FORMATION OF SIGNS IN LIBRAS

Rosana de Fátima Janes Constâncio (UFGD)¹
rosanajanes@ufgd.edu.br

Jorge Bidarra (UNIOESTE)²
jorgebidarra@hotmail.com

Tânia Aparecida Martins (UNIOESTE)³
tania.martins@unioeste.br

RESUMO: Os fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade de itens lexicais nas línguas, há tempos, vêm suscitando o debate não só dos pesquisadores das línguas orais, mas também nas línguas de sinais. No Brasil, as discussões por muito tempo concentraram-se no binômio iconicidade e arbitrariedade, no entanto, neste artigo, compartilhamos os resultados de uma pesquisa de doutorado (CONSTÂNCIO, 2022) que partir dos seguintes questionamentos: (i) até que ponto é verdade que os sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) são apenas icônicos ou arbitrários?; (ii) Será que existem outras gradações no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade?; (iii) Assumindo o que preconiza a literatura especializada (KLIMA; BELUGGI, 1979, PERNISS; VIGLIOCCO, 2014; ORTEGA, 2017), para além da relação icônico e arbitrário, os sinais translúcidos e obscuros podem se manifestar na Libras? Os dados foram extraídos, inicialmente, da obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) nos cursos Letras Libras – Licenciatura e Bacharelado. Doutora em Letras Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, na área de concentração Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), na linha de pesquisa dos *Estudos da linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade*. Mestre em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, na área de concentração de Educação Escolar, na linha de pesquisa *A constituição do sujeito no contexto escolar*. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS (www.unioeste.br/porlibras) e do Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos em Libras e Educação de Surdos (GELES).

² Professor Sênior da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) nos cursos de Ciência da Computação, no Mestrado e no Doutorado de Letras (linha de pesquisa *Mecanismos da linguagem, com ênfase em lexicologia/lexicografia, extração de informação em bases de dados não estruturadas*). Líder do Grupo Inteligência Aplicada (UNIOESTE/CNPq) e Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem e Sociedade (UNIOESTE/CNPq).

³ Professora Adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - campus de Toledo). Docente e orientadora de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE, campus de Cascavel. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, na área de concentração Linguagem e Sociedade da UNIOESTE, na linha de pesquisa *Estudos da linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade*. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas para a investigação da LIBRAS em Interface com Língua Portuguesa Brasileira (PORLIBRAS - <https://www.unioeste.br/portal/porlibras/sobre-o-grupo>). Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem & Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas (LingCognit).



(GAMA, 1875), da qual foram selecionados 304 referentes. No entanto, para as análises, considerou-se uma versão mais atualizada, a do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017). Como critérios para realização das análises, estabelecemos que seriam selecionados somente os itens lexicais simples e monomanuais. As análises foram realizadas no formulário *Google Forms*, observando-se os parâmetros presentes na realização do sinal e os aspectos linguísticos. Os resultados revelaram que os sinais da Libras, para além dos icônicos/transparentes e arbitrários/opacos, de fato, podem envolver dois outros tipos de sinais, os chamados translúcidos e obscuros.

PALAVRAS-CHAVE: Iconicidade; Arbitrariedade; Libras.

ABSTRACT: The linguistic phenomena of iconicity and arbitrariness of lexical items in languages have long been raising the debate not only among researchers of oral languages, but also in sign languages. In Brazil, the debate for a long time focused on the binomial iconicity and arbitrariness, however, what we bring here are the results of a research materialized in the doctoral thesis of the first author. The questions that guided our investigation are: (i) to what extent is it true that the signs of Libras are just iconic or arbitrary? (ii) Are there other gradations in the continuum from iconicity to arbitrariness? (iii) Assuming what the specialized literature recommends (KLIMA; BELUGGI, 1979, PERNISS; VIGLIOCCO, 2014; ORTEGA, 2017), in addition to the iconic and arbitrary relationship, can translucent and obscure signs be manifested in Libras? The data for analysis were initially extracted from the work “Iconography of the Signals dos Deaf–Dumb” (GAMA, 1875), from which the 304 referents were selected. However, for the analyses, the most updated version was considered: “Dictionary of Brazilian Sign Language: Libras in your hands” (CAPOVILLA *et al.*, 2017). As criteria for carrying out the analysis, we established the selection of lexical items to be simple and single hand. The analyses were performed using the Google Forms, observing the parameters present in the execution of the sign, and linguistic analysis. The results revealed that the signs of Libras, in addition to the iconic/transparent and arbitrary/opaque, in fact, they can involve two other types of signs, the so-called translucent and obscure.

KEYWORDS: Iconicity; Arbitrariness; Libras.

1 Introdução

Embora os fenômenos linguísticos de arbitrariedade e da iconicidade há tempos sejam investigados por linguistas e pesquisadores de diversas áreas, nas línguas de sinais, eles passaram a ter visibilidade e notoriedade somente após o reconhecimento dessas línguas como sendo naturais, o que ocorreu, sobretudo, a partir das investigações de Stokoe (1960) realizadas com a Língua de Sinais Americana (ASL).

Evidentemente, a língua de sinais não surgiu no Brasil somente após a década de 1960; na realidade, não se tem certeza do ano de seu surgimento, mas sabemos que é conhecida e utilizada há anos pelas comunidades surdas brasileiras, embora o seu reconhecimento como meio legal de “[...] comunicação e expressão, em que o sistema



linguístico de natureza visual-motora, com estrutura própria [...]” (BRASIL, 2002) tenha ocorrido apenas no século XXI.

Os primeiros registros do uso dos sinais no Brasil datam do ano de 1875, com a vinda do professor surdo Ernest Huet, cidadão francês e usuário da Língua de Sinais Francesa (LSF), para inaugurar o primeiro Instituto de Educação de Surdos no Brasil, denominado inicialmente de Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (IISM), atualmente reconhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na cidade do Rio de Janeiro. Esse Instituto⁴ foi fundado no dia 26 de setembro de 1857, por Dom Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro. No Instituto, Flausino José da Gama, um estudante surdo, que tinha a função de repetidor, teve o interesse de registrar os sinais usados no IISM. Assim podemos considerar que um dos primeiros registros de nossa língua de sinais é o dicionário *Iconographia dos signaes dos surdos mudos* (1875), uma obra elaborada ou recriada por Gama.

Iconographia dos signaes dos surdos mudos (GAMA, 1875) é de um dicionário iconográfico, no qual constam os sinais utilizados pelos surdos no IISM. Há registros de que seu interesse teve como fonte uma das obras disponíveis na biblioteca, muito semelhante, e que havia sido registrada pelo professor surdo Pelissier, que atuava no Instituto dos Surdos de Paris. No entanto, há dois importantes aspectos a serem valorizados com em seu dicionário: “[...] o seu pioneirismo, por ter sido desenhado em 1875 no Rio de Janeiro; e o fato de Flausino ter sido, ele próprio, surdo [...]” (SOFIATO; REILY, 2012, p. 570). Essa produção, portanto, está imbricada na história da educação de surdos no período do Império.

Todavia, no século XIX, verificamos uma lacuna, pois não há registro de outras produções ou mesmo de valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que foi motivado, grandemente, pela negação da língua de sinais e pelo incentivo à oralidade, não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo. No século XX, a primeira

⁴ Naquela época eram comuns os Institutos, isso porque os alunos, além de aprenderem a ler, a escrever e a “contar” (habilidades matemáticas), também moravam e desenvolviam habilidades com trabalhos manuais. Desse modo, as escolas funcionavam dentro dos Institutos inicialmente destinados apenas aos meninos.



preocupação em discutir a Libras como língua é localizada nos trabalhos de Ferreira-Brito (1984). Isso não significa que antes disso nada teria sido feito, muito pelo contrário, é importante destacar e valorizar o primeiro dicionário da Libras publicado por Gama, em 1875.

Notadamente, constatamos que os avanços nas pesquisas na área da linguística da Libras ganharam notoriedade e visibilidade a partir do momento em que a língua de sinais passa a ser “[...] reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras.” (BRASIL, 2002). O reconhecimento não só oportunizou e viabilizou a comunicação em Libras nas comunidades surdas do Brasil, mas também passou a garantir a acessibilidade no atendimento a pessoas surdas em todas as instituições públicas e o desenvolvimento de pesquisas que envolvem as esferas voltadas às políticas públicas direcionadas a pessoas com surdez, seja na área educacional, social ou linguística.

Muitos foram os avanços apresentados pela comunidade técnica e científica no intuito de fomentar mudanças de paradigmas na área da linguística da Libras, contudo, ainda há muitas questões a respeito dessa língua que precisam ser investigadas, uma delas diz respeito à natureza dos sinais que compõem o seu léxico.

Assim, neste artigo, analisamos o fenômeno linguístico da iconicidade na Libras, tema esse investigado em nossa pesquisa de doutorado (CONSTÂNCIO, 2022), não sob um viés em termos de binômios, mas, sobretudo, buscando compreender o *continuum*⁵ da iconicidade à arbitrariedade. Nessa perspectiva, os estudos, as investigações e as análises realizadas oportunizaram-nos verificar se outros níveis e gradações se estabelecem nesse *continuum* e se os parâmetros presentes na articulação e na realização do sinal atuam ou determinam os níveis ou as gradações do sinal, a saber: icônicos, translúcidos, obscuros e arbitrários.

⁵ *Continuum* é uma palavra derivada do latim, que literalmente tem o significado de contínuo, e pode também ser compreendido como uma sequência, ou seja, quando há uma continuidade entre o ponto inicial e o final que aqui consideramos da iconicidade à arbitrariedade.



Os estudos e as análises centraram-se na Linguística Descritiva, com o intuito de compreendermos a formação da Libras e estabelecermos uma conexão para o uso da língua, pois, segundo Castilho (2014), “[...] as línguas naturais são o ponto mais alto de nossa identidade como indivíduos e como participantes de uma sociedade” (CASTILHO, 2014, p. 33).

No percurso metodológico, partimos de uma pesquisa de natureza básica e de abordagem qualitativa, a partir da revisão bibliográfica e exploratória, haja vista que selecionamos referentes que constam na obra de Gama (1875) e os mesmos referentes no dicionário de Capovilla *et al.* (2017), tendo como critério de seleção a escolha somente de sinais simples⁶ e monomanuais⁷. E como resultado, a valorosa e relevante contribuição da pesquisa foi a comprovação de que existem outras duas gradações no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade na Libras, a saber: os sinais podem também ser translúcidos e obscuro. O que determina a sua gradação é a relação entre a forma e o significado que se manifestam nos parâmetros, possibilitando estabelecer ou não uma relação em sua formação e execução.

2 Iconicidade e Arbitrariedade: fenômenos presentes nas línguas

No âmbito dos estudos linguísticos, não são poucas as questões que ainda precisam ser aprofundadas, sendo uma delas relacionada à iconicidade e à arbitrariedade dos nomes que atribuímos às ações e às entidades que existem no mundo. Essa é uma questão que, já na Antiguidade, desafiava filósofos, tais como Sócrates e Platão, e até hoje é uma temática que impele estudiosos das línguas, sejam elas faladas ou sinalizadas.

Remontando à Antiguidade, em um de seus famosos diálogos, Platão, por exemplo, narra um debate travado entre Crátilo, que dá nome à obra, e Hermógenes. Sócrates, que também é convidado a participar, é questionado pelos dois debatedores se

⁶ Sinais simples são os formados por um único sinal, por exemplo, o sinal de CASA. Já os sinais compostos são os constituídos pela junção de dois sinais, como ESCOLA (CASA + ESTUDAR).

⁷ Sinais Monomanuais são os realizados com uma única mão na execução do sinal.



os nomes dados às entidades no mundo seriam convencionados ou naturais, isto é, se haveria de fato uma relação estabelecida entre as palavras e os seus significados.

Para Crátilo, defensor da tese naturalista, cada coisa tem por natureza um nome apropriado, independentemente de quem fala, o que o leva a rejeitar o posicionamento de Hermógenes, para quem os nomes são fruto de convenções humanas. Diante desses dois posicionamentos, Sócrates, com relação à tese de Hermógenes, diz que ela é inconsistente, partindo da própria admissão de Hermógenes de que qualquer pessoa pode modificar o nome atribuído a um objeto, o que, de acordo com Sócrates, vai de encontro ao padrão aceitável estabelecido pela convencionalidade socrática, pois, segundo ela, o que prevalece é o que ele defende: a existência de uma convenção pública.

Hermógenes acreditava que não havia qualquer tipo de relação entre o nome e aquilo que ele designa. Do ponto de vista da relação entre forma e sentido, os nomes dados ao referente extralinguístico no mundo não mais seriam que uma convenção; logo, seriam arbitrários. A rejeição de Sócrates às ideias de Hermógenes, de certa maneira, o torna um defensor da tese de Crátilo, porém, com ressalvas. Para Sócrates, os nomes dados às coisas, para serem considerados uma cópia daquilo a que se referem, precisariam ser uma espécie de imitação perfeita, o que, argumenta, não acontece em muitas situações (TUCCI, 2020).

Dessa forma, se os nomes representam as entidades, imitando a realidade, como explicar a origem sem conhecer a realidade que passaria a nomear? Ao nomearmos as entidades do mundo, há uma relação natural que é denominada em comum acordo. A grande dialética é que, para se nomear as coisas, é preciso conhecê-las, mas, para conhecê-las, é preciso atribuir-lhes um nome. Essa dialética foi amplamente discutida entre os convencionalistas ou naturalistas, estudiosos que defendem que os nomes dados às entidades no mundo são fruto de uma convenção por não apresentarem nenhuma relação com as coisas, sendo assim arbitrários, ou que seriam naturais, existindo uma motivação que estabelece uma associação do nome ao que ele representa.



Posteriormente, os estudos realizados por Saussure (2012) postulam que a nomeação das entidades se dá por meio de uma convenção, cuja aceitação resulta da negociação entre os falantes da língua para fins de comunicação estabelecida (SAUSSURE, 2012). Para o linguista, o princípio da arbitrariedade do signo está associado ao laço que une significante e significado, pois, uma vez reconhecido com um signo linguístico, nenhum indivíduo pode modificá-lo. No entanto, se, para Saussure (2012) e outros linguistas, a arbitrariedade é um conceito linguístico estabelecido convencionalmente, logo, imotivado, para Peirce (2000), o signo pode refletir uma relação com aquilo que representa por meio de uma motivação icônica.

Peirce (2000) defende que o fenômeno da iconicidade depende do nível linguístico em que ocorre, pois, quando se realiza por motivações fonéticas, sintáticas e morfológicas, corresponde à expressão similar entre o objeto e o *representâmen* do signo. O *representâmen* é o próprio signo, é o que representa algo para alguém; o objeto é a ideia da representação real ou irreal; e o interpretante é o usuário que consegue estabelecer uma relação mental entre o *representâmen* e o objeto (PEIRCE, 2000). Nessa mesma perspectiva, Haiman (1985) defende que a iconicidade e a naturalidade se relacionam com a experiência. Por envolver a linguagem em uso e a linguagem e o pensamento, existe uma relação que é atribuída como motivação por apresentar uma relação da forma linguística e do significado linguístico (HAIMAN, 1985).

Assim, não somente esses linguistas, mas também Martelotta (2008) enfatizam que “[...] a noção de *motivação ou iconicidade* leva em conta o fato de o falante, de algum modo, fazer corresponder a forma da palavra com o significado que ela expressa.” (MARTELOTTA, 2008, p. 77, grifos do autor). Para ele, a iconicidade “[...] do signo linguístico fundamenta-se na ideia de uma motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos.” (MARTELOTTA, 2011, p. 72). É justamente sobre o aspecto da iconicidade que tratamos a seguir.

3 Os dados analisado

A etapa inicial, crucial para o desenvolvimento de toda a pesquisa de doutorado, foi a de levantamento das obras. A partir da obra de Gama, realizamos uma pesquisa exploratória para selecionarmos outras do mesmo tipo que nos permitissem identificar e analisar se compartilhavam dos mesmos sinais. Assim, no século XX, as obras selecionadas foram: *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969); *Linguagem de Sinais* (SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 1992); e no século XXI, *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira LIBRAS* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001). Após essa seleção, elaboramos, para fins de observação, uma tabela que gerou aproximadamente 1.600 sinais.

A construção dessa tabela foi um recurso utilizado para tentar responder às perguntas de pesquisa, se de fato há uma prevalência de sinais icônicos e se há outras gradações possíveis no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade, pois, de acordo com Gil (2019), “[...] um problema é de natureza científica quando envolve proposições que podem ser testadas mediante verificação empírica.” (GIL, 2019, p. 22). Após o levantamento dos referentes em todas as categorias a partir de Gama (Quadro 1), foram digitalizados todos os itens lexicais correspondentes às quatro obras selecionadas. O Quadro 1, que constam exemplos extraídos da primeira tabela elaborada, é composto por quatro colunas, nas quais inserimos as informações relativas ao período, ao ano, ao autor, ao sinal e à obra.

Quadro 1 – Obras selecionadas

Século XIX	Século XX	Século XX	Século XXI
<i>Iconographia dos signaes dos surdos mudos</i>	<i>Linguagem das Mãos</i>	<i>Linguagem de Sinais</i>	<i>Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira LIBRAS</i>
			
COMER	COMER	COMER	COMER
Fonte: Gama (1875. p. 14).	Fonte: Oates (1969, p. 30).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (1992, p. 31).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 434).

Fonte: Constâncio (2022).

Pelo fato de não estarmos realizando um estudo diacrônico, e visando a atingir o objetivo da pesquisa, buscamos outro viés investigativo, que correspondeu as análises linguísticas a partir da criação de um formulário *no Google Forms* contendo campos específicos para as análises. Estabelecemos que, para constituição de nossos dados, os sinais coletados, analisados e discutidos seriam os da última versão de Capovilla *et al.* (2017), justamente por ser um dicionário de versão mais atualizada.

Uma informação relevante a ser considerada é que nas obras de Gama (1875), Oates (1969), e Capovilla e Raphael (2001) foram registrados todos os itens lexicais, sendo eles monomanuais ou bimanuais. No entanto, no registro de Capovilla *et al.* (2017), obra selecionada para análise, só registramos os sinais simples e monomanuais.

Assim, para uma melhor compreensão e detalhamento da caracterização das obras, apresentamos, no Quadro 2, um panorama desses materiais selecionados inicialmente, em que constam informações sobre a obra, o ano, o autor, o local de publicação e editora, o número de itens lexicais registrados, o tipo de registro (se por litogravura, foto etc.) e a forma de indexação (se é organizada por categoria semântica ou por ordem alfabética).

Quadro 2 - Caracterização das obras selecionadas

Obra	Ano	Autor	Local e editora	Itens lexicais	Tipo de registro	Organização das entradas
Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos	1875	Flausino José da Gama	Rio de Janeiro (RJ), Tipographia Universal de E. & H. Laemmert	407	Litogravura	Por categorias semânticas
Linguagem das Mãos	1969	Eugênio Oates	Aparecida do Norte (SP), Editora Santuário	1.262	Fotografia	Por categorias semânticas
Linguagem de Sinais	1992	Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados	Cesário Lange (SP), Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados	1.330	Fotografia	Por categorias semânticas
Dicionário Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira	2001	Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael	São Paulo (SP), Editora da Universidad e de São Paulo – Edusp	9.500	Desenhos lineares	Por ordem alfabética
Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos	2017	Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael; Janice Gonçalves Temoteo e, Antonielle Cantarelli Martins	São Paulo, Editora da Universidad e de São Paulo – Edusp	13.000	Desenhos lineares	Por ordem alfabética

Fonte: Constâncio (2022).



A partir dos 407 registros da obra Gama (1875), identificamos, em Capovilla *et al.* (2017), uma correspondência de 304 sinais simples e monomanuais. Em função disso, estabelecemos como critério realizar as nossas análises na versão mais recente (CAPOVILLA *et al.*, 2017), considerando, para o nosso objeto de estudo, os seguintes critérios:

- I. Analisar os sinais correspondentes aos mesmos referentes da obra de Gama (1875);
- II. Considerar, para análise descritiva e linguística, apenas os sinais simples e monomanuais;
- III. Após a análise linguística dos itens lexicais selecionados, definir um indicativo de quais seriam as gradações identificadas, considerando-as como icônicas, translúcidas, obscuras ou arbitrárias;
- IV. A fim de realizar uma análise bem criteriosa, construir um formulário no *Google Forms*, denominado *Estudo dos fenômenos linguísticos: arbitrariedade e iconicidade em Libras*.

Definidos os critérios, realizamos um estudo descritivo da realização do sinal, além de uma análise linguística, por meio da qual foi possível acompanhar a linha de raciocínio à luz dos pressupostos teóricos da Linguística e/ou dos Estudos da Linguagem, com questões que conduzem a uma verificação dos parâmetros na formação do sinal. Por exemplo, buscamos definir se o sinal representa (i) uma entidade no mundo. Se não é possível identificá-la, a que esse sinal poderia se referir?; (ii) O que os parâmetros nos revelam na formação do sinal?; (iii) Os dados obtidos nos revelam a que se remetem? É possível observar se o sinal é icônico ou arbitrário ou se corresponde às gradações de translúcido e de obscuro?

4 Análise dos dados, discussões e resultados

Considerando que a quantidade de sinais analisados é volumosa, selecionamos para esta discussão somente quatro sinais, registrando que escolha não foi aleatória, mas



feita com base na representatividade que o sinal tem no grupo a que pertence, isto é, ao grupo de profissões.

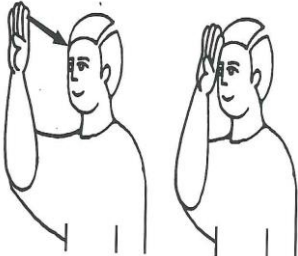
Antes de passarmos às análises propriamente ditas, achamos oportuno esclarecer três tópicos. O primeiro deles é que, ao nos referirmos aos sinais, fazemos isso por meio de glosas⁸. O segundo, no intuito de tornarmos mais claras as análises, é que iniciamos com os quatro sinais pertencentes ao grupo: XXXX. Entendemos que, com relação ao segundo ponto, o fato de considerarmos separadamente cada grupo de sinais nos permite analisar cada situação tendo em vista não apenas as relações morfossintáticas e semânticas que se estabelecem na construção de cada sinal, mas também aspectos que têm como origem o conhecimento de mundo que as pessoas, em maior ou menor escala, trazem de suas experiências de vida. O terceiro é na verdade uma explicação sobre como identificamos o enquadramento do sinal, isso porque, em muitos casos, não é algo fácil, pois requer do analista a observância de muitos detalhes. Por exemplo, há sinais cujas composições deixam claro a que eles se referem; esses seriam, portanto, os sinais considerados icônicos. As outras determinações são um tanto mais complexas, haja vista que, quanto mais um sinal se afasta da condição de ser icônico, mais difícil se torna a sua identificação, o que nos força, em cada situação, verificar e detalhar cada uma das características que um sinal traz em seu bojo. É um trabalho minucioso, exigindo muita atenção, porque não estão envolvidas somente análises individuais de cada uma das características (ou traços) dos sinais, mas também em conjunto com os outros traços que fazem parte de suas morfologias e do modo como são sinalizados.

Se, durante todo esse percurso, foi relativamente fácil identificarmos os sinais icônicos e os arbitrários, o nosso maior problema estava na determinação de quando efetivamente um sinal seria translúcido ou obscuro. Extrair de cada sinal as características mais relevantes que nos apontassem para um ou outro grupo foi uma tarefa bastante complexa e árdua.

⁸ Segundo McCleary, Viotti e Leite (2010), glosas são uma forma de se representar os sinais que compõem o vocabulário das línguas de sinais por meio de palavras de uma língua falada, registradas em letras maiúsculas, como no caso de COMER, que em Libras equivale ao verbo comer do português.


Na Figura 1, visualizamos o primeiro sinal selecionado para nossa análise, pertencente ao grupo Profissões.

Figura 1 - Sinal de SOLDADO

SOLDADO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p>CM OR L M</p> <p>Obs.: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p>https://youtu.be/f31VbBHPjXg</p>

Fonte: Constâncio (2022).

Iniciamos as reflexões a partir das informações de como o sinal se realiza: com a mão aberta na diagonal, com os dedos distendidos e unidos, com o polegar dobrado

contra a palma (CM= ), que se encontra posicionada para baixo e na diagonal (OR), no espaço neutro próximo ao lado direito da testa. Na sequência, a mão realiza um movimento retilíneo para trás, tocando o lado do dedo indicador na testa, finalizando o sinal.

A partir dessa explicação, o que podemos demonstrar com as nossas análises? Primeiramente, observamos que há traços importantes que nos indicam que o sinal é uma ação, algo como bater continência⁹. Segundo os registros, o ato de bater continência tem origem com os cavaleiros na Idade Média, pois “[...] ao se apresentarem diante do seu soberano antes de uma batalha, os cavaleiros, vestindo armaduras, eram obrigados a usar a ponta dos dedos da mão direita para erguer a viseira do elmo, o capacete medieval, surgindo assim o gesto.” (O SOLO, 2017). Essa informação é relevante em nossas análises, uma vez que nos permite compreender a

⁹ Há três definições para o termo continência: estado de uma pessoa que se abstém de todo prazer carnal; moderação nas palavras e nos gestos; saudação militar (DICIO, 2022).

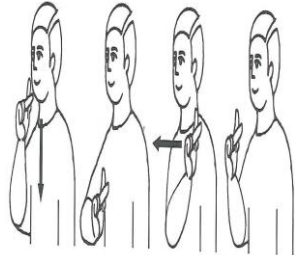
motivação para o sinal, pois é um gesto que favorece o reconhecimento como se fosse uma atitude típica dos soldados na contemporaneidade para bater continência ou para cumprimentar um superior, algo visualizado não somente no Brasil, mas em diversas localidades no mundo. Em nosso país, há o reconhecimento de que o ato de bater continência é uma saudação militar que revela respeito aos superiores ou mesmo ao símbolo nacional, por exemplo, a bandeira.

Com base nessas informações, consideramos que não estamos diante de um sinal arbitrário, uma vez que há características relevantes que podem sugerir a que se refere. Acreditamos que também não seja obscuro pelas evidências que se revelam na execução do sinal. Assim, o sinal só pode ser translúcido ou icônico. Segundo Capovilla e Raphael (2009), os sinais icônicos/transparentes são aqueles que denotam “[...] algumas propriedades visuais da forma do referente que ele representa [...]” (CAPOVILLA; RAPHAELA, 2009, p. 63), ou ainda podem representar um gesto típico da cultura local sendo comum e convencional.

Dessa forma, consideramos que o sinal SOLDADO é icônico, pois, para além da motivação, trata-se de um gesto que pode ser muito representativo e significativo socialmente para os cidadãos que veem nesse profissional uma pessoa que trabalha em defesa das pessoas.

O próximo sinal escolhido para análise é o de PADRE.2, visualizado a seguir.


Figura 2 - Sinal de PADRE.2

PADRE.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.	https://youtu.be/ReUm6MWK CzU

Fonte: Constâncio (2022).


O sinal de PADRE.2 inicia com os dedos anelar e mínimo fechados, dedo médio apontando para baixo, dedo indicador apontando para frente, palma do polegar tocando



a lateral do dedo médio (CM=) , a palma (OR) da mão para a esquerda, diante do rosto (L). Na sequência, a mão realiza um M de cima para baixo, na vertical, parando o M no espaço neutro em frente ao peito; depois, há um M da esquerda para a direita, na horizontal, descrevendo uma cruz.

Partindo da realização do sinal, o que podemos observar? Será possível afirmar que se trata de um sinal icônico? Inicialmente, verificamos que, nesse sinal, a



CM= pode sugerir como se fosse uma inicialização do termo padre, uma vez que essa CM corresponde a letra P no alfabeto da Libras. No entanto, somente essa associação não revela ou identifica o sinal. Assim, quando visualizamos os demais parâmetros, há um movimento em frente e próximo ao peito, que, associado à forma como se realiza, pode sugerir a descrição da imagem de uma cruz. Portanto, se o reconhecimento não é óbvio, descartamos a possibilidade de ser um sinal icônico, o que nos leva a nos aprofundarmos um pouco mais em nossa análise.

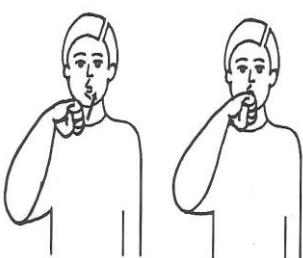
Perguntamo-nos: Será que todas as pessoas conseguem estabelecer uma associação da cruz ao sinal de PADRE? É muito provável que não, o que reforça a ideia de que não se trata de um sinal icônico. Para um não sinalizante, é necessário que a pessoa tenha um conhecimento de mundo relacionado à imagem de uma cruz, ligada a um ritual feito por cristãos católicos e ortodoxos para professar a fé. No entanto, esse mesmo gesto não é realizado pela maioria dos protestantes e evangélicos por não ser uma ordenação da Bíblia.

Dada toda essa observação, o que verificamos é que há algumas possibilidades, embora remotas, de que seja uma explicação plausível para alguns, isto é, uma possível

motivação. Então, não podemos dizer que se trata de um sinal arbitrário. Pela motivação do sinal, que pode se dar pela CM ou pela sua realização, acreditamos que seja translúcido, descartando a tipologia obscura, uma vez que essa motivação pode ser compreendida por alguns.


O terceiro sinal que compõe nossa análise está na Figura 3.

Figura 3 - Sinal de BISPO

BISPO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M ENM	https://youtu.be/VA3k9K3gi_U

Fonte: Constâncio (2022).

Ao darmos início a análise do sinal de BISPO, verificamos que, em sua formação, todos os parâmetros estão presentes. Observa-se que a mão está fechada e na

horizontal (CM=) , com a palma (OR) para frente, no espaço neutro diante da boca (L). Na sequência, ocorre um movimento retilíneo (M), para trás com ponto de contato do dedo mínimo nos lábios, como se fosse beijar a mão (ENM).

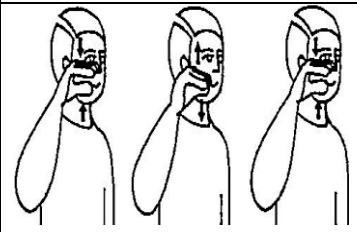
Com base na explicação de sua execução, o que isso nos revela? Nesse caso, há algumas características presentes que podem, de alguma forma, sugerir ou dar uma pista do sinal realizado. Entretanto, apesar disso, dificilmente uma pessoa responderia imediatamente a que se refere o sinal, o que nos leva a considerar que não é icônico. No entanto, como existe a possibilidade de uma associação, também não podemos considerá-lo como arbitrário.

Descartadas essas duas possibilidades, precisamos definir se o sinal está mais para translúcido ou obscuro. Na execução do sinal, é possível constar que o contato do dedo mínimo nos lábios (L) pode dar a ideia de um beijo na mão, algo que, culturalmente, por um longo período, foi associado e valorizado como uma demonstração de respeito a uma pessoa mais velha, aos pais e familiares ou à namorada. No entanto, na atualidade, esse costume está em desuso.

Entretanto, em nosso país, como uma demonstração da cultura de algumas religiões, há o costume de beijar o anel episcopal como forma de respeito, de submissão e de reconhecimento de autoridade espiritual. Mesmo que não ocorra prontamente um reconhecimento a que remete o sinal, existe uma motivação em sua formação, favorecendo uma relação entre o sinal e seu significado. Considerando que há uma motivação que corresponde a um gesto típico da cultura e que ainda prevalece atualmente, mesmo não sendo algo comum do dia a dia, descartamos a possibilidade de ser um sinal obscuro, sendo, desse modo, translúcido, pois, de acordo com Ortega (2017), embora não seja tão evidente, há uma motivação para o sinal e há parâmetros em sua formação que estabelecem uma relação entre o sinal e o seu significado.


O quarto e último sinal em análise neste artigo é o de EMPREGADO, visualizado na Figura 4.

Figura 41 - Sinal de EMPREGADO


<i>EMPREGADO</i>	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M Obs.: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.	https://youtu.be/5RU_ZopFLJ4

Fonte: Constâncio (2022).


O sinal de EMPREGADO inicia a sua execução com a mão com todos os dedos

flexionados, com o polegar paralelo aos demais dedos (CM=)¹⁰, com a palma (OR)

posicionada para frente, com ponto de contato do polegar no canto direito da boca (L). Na sequência, ocorre um movimento com os dedos, afastando e aproximando os dedos

do polegar (CM=)⁰⁸) por várias vezes, finalizando o sinal.

Observando a sua realização, o que podemos verificar quanto ao seu possível enquadramento? Seria EMPREGADO um sinal icônico, translúcido, obscuro ou arbitrário? Considerando os parâmetros presentes, constatamos que há a possibilidade de acontecer algo similar ao sinal de COMER, isto é, indicar uma ação como se estivesse com algo ou alguma coisa na boca, pois, do início ao final da realização, o dedo polegar fica em contato com o canto direito da boca. No entanto, diferentemente do que ocorre com o sinal de COMER, em que é possível estabelecer uma motivação, em EMPREGADO, o que nos chama a atenção é a forma como o movimento se realiza, para fora, descartando que seja algo para comer ou ingerir, haja vista que a boca está fechada. Se não há nada tão óbvio, não podemos considerá-lo um sinal icônico, tampouco translúcido, uma vez que não conseguimos associar ou mesmo estabelecer uma relação que possa ter sido motivada para denotar EMPREGADO.

Sendo assim, será que é possível remeter a alguma entidade no mundo a execução associando ()¹⁰+L+ PC+M)? Não encontramos nenhuma motivação ou característica que revele ou sugira a que sinal se trata. Partindo desse princípio, não podemos dizer que é um sinal translúcido. Ademais, pela ausência de pistas, informações ou características que possam identificá-lo, podemos concluir que não se trata de um sinal obscuro. Logo, acreditamos que o sinal seja arbitrário, pois não há em sua formação e execução parâmetros que oportunizem uma assimilação a algo ou alguma coisa relacionada ao significado do sinal. De acordo com Capovilla e Raphael (2009), um sinal pode ser classificado como opaco/arbitrário quando o seu significado



não é reconhecido a partir de sua forma; logo, a sua representação é “[...] incomum e não convencional [...]” (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2009, p. 63).

A análise realizada neste artigo, a partir das reflexões da pesquisa de doutoramento (CONSTÂNCIO, 2022), permite-nos ressaltar o grande diferencial da investigação, pois foi possível evidenciar que há a possibilidade de outras gradações entre os fenômenos linguísticos, em um *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Em outras línguas, esse mesmo tipo de estudo já foi investigado, sendo observadas tais gradações. No entanto, no Brasil, somente os estudos de Capovilla haviam demonstrado que um sinal pode ser translúcido. Em nossa pesquisa, também constatamos que nessa gradação há sinais obscuros em Libras.

Analisar para observar uma possível gradação da iconicidade à arbitrariedade é um grande desafio, tendo em vista a linha tênue entre tais aspectos. De acordo com Cruz-Aldetre (2008), o “[...] grau de iconicidade é subjetivo, pois, aos olhos de quem não conhece a língua, alguns sinais a olho nu parecem não ter relação com o objeto designado, enquanto em outros se vê uma possível motivação.” (CRUZ-ALDETRE, 2008, p. 62).

A tentativa de responder à hipótese inicial - se a maioria dos sinais na Libras é icônica e se haveria outras gradações possíveis nesse *continuum* da iconicidade à arbitrariedade - nos conduziu a muitas análises e debates que nos levaram a concluir que, de fato, na Libras temos outras possibilidades de manifestação dos sinais, pois, em alguns, a motivação é tão óbvia que são classificados como icônicos, em outros, percebe-se uma determinada motivação para a formação do sinal, assim, sendo considerados translúcidos. Todavia, quando esse aspecto não é tão evidente, os sinais podem ser definidos como obscuros. Além disso, se não é possível verificar nada que indique qual o sinal realizado, ele será, portanto, arbitrário.



Considerações Finais

Durante todo o percurso de investigação, visando a responder às nossas hipóteses iniciais, muitos estudos foram realizados e diversas estratégias foram elaboradas para que fosse possível gerar uma boa análise dos dados e, com isso, produzir os resultados da pesquisa. Os dados obtidos e os resultados das análises evidenciaram que a iconicidade é um fenômeno importante e presente nas línguas naturais, como há tempos estudiosos da área já defendem. Embora tenhamos feito uso de muitas estratégias, realizados novos percursos investigativos, a nossa conclusão seria tão somente essa? É lógico que não!

Levando em conta o debate travado pelos filósofos na Antiguidade a respeito da natureza das palavras e os estudos de Saussure (2012) sobre a natureza das palavras ser arbitrária (embora considere que nas línguas orais existe uma maleabilidade na arbitrariedade, uma vez que a onomatopeia é um claro exemplo, pois apresenta um caráter arbitrário e há uma convenção que se atribui para a representar determinados sons), questiona-se: se nas línguas orais são poucas as palavras consideradas icônicas, será que os sinais da Libras, em sua maioria, são de fato icônicos?

Nossas análises revelam que não! O que pode ser considerado de uma forma muito generalizada como um sinal icônico, por conta de uma motivação, em uma análise linguística mais profunda, essa afirmação não se sustenta.

Acreditamos que a relevância das reflexões aqui apresentadas, assim como no estudo de doutoramento de Constâncio (2022), está para além de uma classificação tipológica dos sinais, pois o intuito foi compreender o fenômeno linguístico da iconicidade em uma perspectiva singular e própria de cada língua de sinal, respeitando as suas especificidades linguísticas.

Temos ciência da contribuição dos estudos iniciais de Saussure (2012) com o conceito de arbitrariedade do signo linguístico e, posteriormente, de Peirce (1885) com o conceito de iconicidade nas línguas naturais. Seus apontamentos foram fundamentais e serviram de base para que outras investigações pudessem aprofundar e acrescentar



novos sentidos quando relacionados à língua de sinais. No entanto, ao estudarmos esses conceitos, precisamos analisá-los a partir da singularidade de formação com os parâmetros que representam as unidades sublexicais na língua de sinais.

Os dados analisados nos permitem compreender que a iconicidade, nas línguas de sinais, em especial na Libras, apresenta uma singularidade quanto a outras gradações que refletem a forma como os sinais se constituem a partir de seus referentes, com a combinação de parâmetros que são fundamentais para sua categorização. No entanto, concordamos com a ponderação de Frydrych (2012) de que “[...] todo o sinal é arbitrário, mas nem todo sinal é icônico.” (FRYDRYCH, 2012, p. 291). Os dados nos revelam que todo sinal icônico é arbitrário, uma vez que se estabelece a partir de características singulares.

Acreditamos, portanto, que pesquisas futuras sobre os fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade possam ser aprofundadas, em uma nova vertente, considerando, não o binômio da iconicidade/arbitrariedade, mas uma gradação entre esses fenômenos linguísticos em que, entre os sinais icônicos e arbitrários, se encontram os sinais translúcidos e obscuros, que podem apresentar uma motivação na origem de sua formação ou algum parâmetro que favoreça ou possibilite uma associação ao que remete o sinal. No caso dos sinais obscuros, essa motivação tornou-se ofuscada ao longo dos tempos, perdendo sua propriedade de representatividade. Dessa forma, concluímos que os sinais translúcidos estão mais próximos dos sinais icônicos, e que os sinais obscuros estão mais próximos dos sinais arbitrários, sendo essa a grande relevância da investigação realizada.

Referências

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 abr. 2018.



CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CONSTÂNCIO, R. de F. J. **Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na composição dos sinais em Libras**. 2022. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

CRUZ-ALDRETE, M.; VILLA-RODRÍGUEZ, M. Á. La iconicidad en la formación del lexicón en la Lengua de Señas Mexicana. **Lengua y Habla**, [s.l.], n. 17, p. 14-33, ene./dic., 2013.

DICIO. Dicionário online de português. Continência. **DICIO**, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/continencia/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FERREIRA BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. **Sign Language Studies**, [s.l.], v. 13, n. 42, 1984.

FRYDRYCH, L. A. K. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 291, 2012.

GAMA, F. J. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Editora ATLAS, 2019.

HAIMAN, J. **Natural syntax**. Iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Livro S.A., 1969.

O SOLO. Como surgiu a continência? **O Sollo**, 1 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://osollo.com.br/como-surgiu-a-continencia/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PERNISS P. M; VIGLIOCCO G. The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. **Phil. Trans. R. Soc.**, [s.l.], v. 369, e-20130300, 2014.


SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 13 • Número 37 • Jun 2022

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v13i37.497>

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Linguagem de Sinais**. Cesário Lange, SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. Justaposições: o Primeiro Dicionário Brasileiro de Língua de Sinais e a Obra Francesa que Serviu de Matriz. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 18, n. 4, p. 569-586, out./dez. 2012.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**: as outline of the visual communication system for the American deaf. Buffalo, Nova York: Buffalo University, 1960.

TUCCI, Flora. Crátilo e Ferenczi: uma reflexão sobre a linguagem. **Cad. Psicanál. (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 42 n. 43, p. 207-223, jul./dez. 2020.

Recebido em: 26/06/2021 | Aprovado em: 15/09/2021.
